

**A FUNÇÃO DA GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS NO COMPRAR E VENDER:
ATÉ QUE PONTO O MERCADO PODE INFLUENCIAR AS RELAÇÕES HUMANAS**

**THE ROLE OF HUMAN RESOURCE MANAGEMENT IN BUYING AND SELLING:
TO WHAT EXTENT CAN THE MARKET INFLUENCE HUMAN RELATIONS?**

Esp. Neimara Félix Canela

Gestão de Recurso Humanos da Universidade do Rio Grande do Norte – UERN

E-mail: joseorlando@uern.br

Prof. Me. José Orlando Costa Nunes

Docente Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

E-mail: joseorlando@uern.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN),
Departamento de Administração (DAD)

Mossoró – RN

2024

RESUMO

O ato de comprar e vender é algo comum no dia a dia da população, as mercadorias são postas à venda, a disposição de compradores que estão dispostos ou não a pagar determinadas unidades monetárias pelo bem. A questão discutida no artigo trata não apenas do ato de comprar e vender, uma vez que esta ação vem ultrapassando as barreiras até então impostas pela sociedade e vem adentrando de forma mais íntima na vida das pessoas. Este estudo visa discutir o papel da gestão de recursos humanos de uma associação que atende prostitutas, frente a essa realidade. O Artigo tem como objetivo estudar até que ponto o mercado pode influenciar as relações humanas, assim como também fazer uma análise sobre aquilo que o dinheiro pode ou não comprar. O estudo foi realizado com base em pesquisa de campo, realizada em uma associação de prostitutas na cidade de Aracati, no Ceará onde se buscou analisar a forma como as relações humanas se desenvolve entre a pessoa da presidente da associação e as mulheres associadas que são e que já foram prostitutas e como elas se sentem enquanto produto de venda. Foi utilizado também a pesquisa bibliográfica para assegurar a sua notoriedade.

PALAVRAS CHAVES: Mercado. Sociedade. Relações Humanas. Recursos Humanos.

ABSTRACT

Buying and selling are common everyday activities; goods are offered for sale to buyers who may or may not be willing to pay a certain price for them. The issue discussed in this article goes beyond the mere act of buying and selling, as this practice is transcending societal barriers and becoming increasingly embedded in people's personal lives. This study examines the role of human resources management within an association that serves sex workers, in light of this reality. The article aims to explore the extent to which the market can shape human relationships and to analyze what money can and cannot buy. The study is based on fieldwork conducted at a sex workers' association in Aracati, Ceará, analyzing the human dynamics between the association's president and the members—women who are or have been sex workers—and how they perceive themselves as products for sale. A literature review was also conducted to provide a solid foundation for the study.

KEYWORDS: Market. Society. Human Relations. Human Resources.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar e tecer algumas considerações sobre os caminhos que a sociedade atual está trilhando, analisando aquilo que o dinheiro deve ou não comprar, quais bens que podem ser postos à venda, se o mercado deve ocupar esse espaço na vida das pessoas e como a gestão de recursos humanos de uma instituição que ajuda prostitutas trabalha com a intenção de mudar a condição de vida das mulheres associadas que são vistas e tratadas como mercadoria.

Desde os primórdios o mercado é sinônimo de geração e distribuição de riqueza, na atualidade ele é definido por Marshall (1996, p. 46) como o local que “duas ou mais pessoas

negociam dois ou mais bens, e cujas intenções de troca e de estoque dos bens envolvidos são do conhecimento de todos”. Hoje o mercado ultrapassa essa barreira, estipulando preços a bens antes regidos por valores e não pela força do dinheiro. Assim, leiloar a virgindade, pagar por sexo, por apoio político, comprar uma criança ou órgãos humanos parecem ser algo comuns, principalmente porque as negociações são realizadas entre pessoas adultas e é bem certo que tanto compradores como vendedores são de alguma forma beneficiados.

A verdade é que a sociedade vem se tornando um grande mercado a céu aberto, onde comprar e vender ganha uma nova proporção, uma vez que os bens postos à venda não têm um preço ou não deveriam ter nestas relações, pois se trata de um comércio injusto onde muitas vezes a situação financeira do indivíduo, assim como a falta de apoio da família ou o ambiente precário ao qual se está inserido, os leva a ter relações de venda.

O problema, ou solução para alguns vai além do que se pode imaginar, essas relações de comércio que privilegia o mais bem posicionado economicamente vem desfavorecer aquele que não pode pagar, transformando pessoas e sentimentos em objetos de compra. As pessoas pobres seriam em muito pouco tempo vendedores de órgãos, assim como mulheres que visam o dinheiro, venderiam seus bebês. O tocante da questão é que a condição financeira do indivíduo é um dos grandes determinantes desse tipo de comércio, gerando a desigualdade que é o caminho para onde a sociedade está caminhando.

O lugar escolhido para a realização do estudo é a Associação de Prostitutas e Homossexuais de Aracati (APHA), lá onde foi analisada as relações humanas trabalhadas pela Presidenta da associação que lida com mulheres que trabalham ou já trabalharam vendendo o corpo.

Assim, diante da contextualização anteriormente apresentada, faz-se a seguinte pergunta de pesquisa: Estamos nos tornando uma sociedade de mercado? e quais são os perigos de transformar pessoas em mercadorias, nesta sociedade contemporânea?

Este artigo tem como objetivo geral mostrar que bens como amor, vida, direitos cívicos, saúde não podem ser postos à venda corroendo valores, pois o aspecto econômico não deve ser visto como mediador das relações humanas. E como objetivos específicos são: 01) Demonstrar que o preço dependendo do produto só reduz o seu valor; 02) Mostrar que nem tudo pode ser vendido e 03) Demonstrar também porque o mercado não deve agir como mediador das relações humanas.

Desse modo, este trabalho justifica-se a partir do momento em que se é observado a importância do assunto. O artigo trata de questões que afetam não apenas grupos isolados mais

toda a sociedade, levanta questões intrigantes que levam a repensar conceitos já estabelecidos pela sociedade ao longo do tempo.

Outra justificativa pertinente, refere-se ao fato de que é necessário haver uma mudança rápida de pensamento e atitude. Todos serão futuros compradores ou vendedores, uma vez que esta tendência vem crescendo fortemente e está ganhando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo.

Inicialmente foram abordados alguns temas que nos remete a pensar neste tipo de comercio estruturante, onde todos podem serem vistos como mercadoria. Posteriormente discute-se a prostituição, outra segmentação deste tipo de mercado que será aqui explorada. Frente à relevância do tema para a sociedade, faz-se importante a discussão do assunto para que levante reflexões para pensar que esse mercado não deve valer a pena, pois fere a dignidade humana.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa em questão irá abordar no referencial teórico as seguintes temáticas: 01) Quem paga mais? O preço da primeira vez; 02) Doador ou vendedor? A realidade do comércio ilegal de órgãos; 03) Barriga de aluguel em prol de um sonho ou a favor do comércio? e ainda 04) O preço de uma noite, o comércio do sexo.

Todas essas quatro discussões são temas necessários para estudos, discussão, reflexão e posicionamento crítico de modo que assim surjam leis que venham regulamentar essas ações pois, estas quando realizadas de alguma forma ainda chocam a sociedade.

2.1 Quem paga mais? o preço da primeira vez

Leiloar segundo o Dicionário *Online* de Português significa vender em leilão, levar em leilão, coisas ou objetos na maioria das vezes de grande valor. A catarinense de apenas 20 anos deu um novo significado a palavra leiloar quando recebeu o lance máximo de 780.000 dólares, o que equivale aproximadamente a 1,6 milhão de reais, ao leiloar não um objeto, mas sua virgindade.

Apesar da grande repercussão causada pela mídia, tudo foi discutido e questionado, primeiramente o preço, depois as condições que o “produto” comprado seria entregue ao então comprador, menos discutido foi o fato desta negociação está pondo em risco a ordem natural das coisas, transformando sentimentos em muitas notas de dólares. As relações humanas estão sendo

tratadas pela ordem que rege o mercado e dar preço a tudo e a todos, é quase que um caminho sem volta.

O caso da brasileira não é um caso isolado, tal fato também aconteceu com mulheres americanas, britânicas e romanas. A prática vem se tornando comum e é claro que algo se perdeu, seja a moral ou os valores. Estes estão atualmente desaparecendo, pois na sociedade contemporânea com a internet, hoje tudo acontece, mas nada disso deve ser natural e está longe de ser normal.

A grande maioria das adolescentes que realizaram tal fato deram entrevistas e afirmaram que o dinheiro ganho com a venda da sua primeira vez, foi destinado aos estudos e a sua formação profissional. Outras afirmaram estarem passando por problemas financeiros e aderiram a prática pois com o dinheiro ganho, ajudaram a família.

Esse tipo de comercio em nada se difere da prostituição, o produto vendido é o mesmo, a compra e venda é realizada da mesma forma, o sexo é vendido, a mulher é posta como mercadoria, o que difere é a menor associação a promiscuidade por se tratar de mulheres virgens.

Neste caso, o comercio ganha uma grande aliada, a mídia que noticia estes casos como se estes fossem fatos normais e já rotineiros. Em alguns casos, a mídia até enaltece a vendedora, dependendo do motivo dela ter justificado para colocar a sua virgindade a venda. Na verdade, este fato é algo que deve ser combatido, para tentar evitar que se torne algo comum de vender principalmente porque este deveria ser um bem de valor financeiro imensurável.

Negociar o inegociável está se tornando um comercio cruel e rentável. Na Colômbia uma mulher foi presa acusada de vender a virgindade de suas doze filhas, o que lhe rendeu o equivalente a 3.300 reais. O acordo firmado cedia aos compradores o direito da prática sexual, logo que as meninas completassem doze anos de idade.

Este caso das 12 meninas se difere claramente do caso das mulheres do leilão, uma vez que as vendedoras são maiores e não são obrigadas, mas é equivalente quando se observa que é a ação do mercado adentrando a vida das pessoas, pois na sociedade atual, o dinheiro vem regendo a vida das pessoas através da ação do mercado.

2.2 Doador ou vendedor? a realidade do comércio ilegal de órgãos

A legislação brasileira sobre o processo de doação e transplante determina que todo cidadão é um doador de órgãos, desde que após constatada a morte, um familiar até segundo grau de parentesco autorize, por escrito, a retirada dos órgãos. A família precisa ser informada do desejo de doar, para que possa autorizar os médicos a retirada dos órgãos do doador para que seja realizado o transplante e assim outras vidas possam ser beneficiadas.

Apesar do número de doadores ter crescido consideravelmente no Brasil, a demanda pela doação ainda não é suprida pela oferta, por motivo que vão desde a ineficiência do sistema até a falta de informação por parte dos familiares. A falta de conhecimento é hoje um dos grandes entraves na doação de órgãos.

É caracterizado como potencial doador aquele que a morte cerebral ou morte encefálica que é caracterizada pela ausência de todas as funções neurológicas é diagnosticada. O coração por sua vez continua batendo, mas o paciente é considerado legalmente morto, sendo então irreversível a situação crítica.

Alguns defendem o comércio ilegal de órgãos, alegando que seria extremamente benéfico para reduzir consideravelmente as filas de espera, onde muitos pacientes acabam perdendo a vida durante a longa espera por um órgão doado. Para esse tipo de comercio, que se bem administrado poderá salvar vidas de forma segura, uma vez que trazido para a legalidade, as ações para o transplante acontecem de forma profissional.

A questão é que muitas vidas deixam de ser salvas, muitos morrem na fila de espera e é aí que surge a ideia do comercio ilegal de órgãos, o importante é fugir de uma visão romântica e encarar algo que já existe de fato acontecendo.

Outro fato importante é que combatem a ação criminosa de quem comercializa os órgãos no mercado negro, desrespeitando a proibição imposta para todas as legislações do mundo, com exceção do Ira onde este comercio é considerado legal.

Outra questão séria diz respeito as condições precárias as quais são realizadas as cirurgias para a retirada dos órgãos vendidos, o que não garante a saúde nem ao doador vendedor nem a quem irá receber o órgão, podendo haver transmissão de uma infinidade de infecções e doenças.

Olhar o homem como um ser que pode ser fracionado e vendido chega a ser imoral, a população mais pobre do mundo acaba se tornando mercadoria. Segundo dados do relatório da Organização Mundial da Saúde – OMS, a Índia e Paquistão são os maiores exportadores de órgãos. Este são dois países que possuem uma população carente e extremamente necessitada, vêm neste tipo de comercio uma oportunidade de venda e de benefícios para o vendedor.

2.3. Barriga de aluguel em prol de um sonho ou a favor do comércio

Mesmo em tempos modernos ser mãe e pai continua sendo para a maioria dos casais um sonho, a impossibilidade da realização deste sonho vem quebrando barreiras sociais na vida de

muitas mulheres, principalmente em países subdesenvolvidos onde a necessidade é um fator determinante, até mesmo quando se trata em alugar um órgão.

Casais que de acordo com Fernandes (2005) e segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) são considerados inférteis quando tentam conceber um filho, através do método natural, durante dois anos e não conseguem. Após este período, quando não se tem sucesso, são realizados exames com a finalidade de identificar e buscar a melhor forma de reprodução assistida.

A infertilidade tende a ser um sofrimento silencioso e os casais que passam por essa condição, podem experienciá-la como algo que os inferioriza diante dos outros. Geralmente, encontramos no discurso do casal infértil, uma busca por algo que justifique a infertilidade como por exemplo, um castigo divino (Ribeiro, 2004, p. 35-6).

A procura por uma barriga de aluguel geralmente parte de casais onde a mulher é incapaz de gerar um bebê. Segundo Machado (2011), o empréstimo do útero ocorre quando a futura mãe não possui útero, quando este possui uma má formação ou, ainda, quando a gravidez oferecer risco de morte. O sonho de ter um filho aliado a necessidade financeira de algumas mulheres, vem gerando um novo tipo de comércio, a locação de útero.

A intenção é que a terceira pessoa ajude no sentido de ser barriga solidária, um ato de amor e neste caso sem pagamento. Dias (2010), afirma que existe a proibição do empréstimo do útero mediante pagamento.

Diferente do que é proposto, as mulheres na maioria das vezes de condições financeiras precárias se submetem a este tipo de comércio, os pagantes no caso, os futuros pais realizam o sonho de ter um filho e essas mulheres são vistas apenas como um órgão descartável, vivem a experiência como se não se tratasse de uma vida, sendo gerada mais uma mercadoria a espera de ser comercializada. Segundo Sandel (2013, p. 11) nas três últimas décadas, os mercados e os valores de mercado passaram a governar a vida como nunca.

A Índia é destaque por ser pioneira nesta prática, a situação de pobreza e a falta de perspectiva leva muitas mulheres a realizar o sonho da maternidade de outras mulheres. A causa poderia de certa forma ser considerada nobre, e mesmo compradores e vendedores se beneficiando, a vida deve continuar sendo algo a que se atribua valor e não preço.

O mercado está cada vez mais adentrando a vida das pessoas, impondo regras, ou melhor quebrando regras já estabelecidas. A ideia de que os fins justificam os meios, o que é de certa forma bem aplicado nesta situação, fere direitos e leva a pensar até onde vai a audácia humana.

2.4 O preço de uma noite, o comércio do sexo

Considerada a profissão mais antiga do mundo, a prostituição ainda é hoje um assunto muito polêmico e tema de muitas discussões, não se sabe ao certo sua origem, embora acredite estar relacionada a existência humana. Roberts (1998) entende que a história da prostituição existe desde os tempos mais remotos.

Conhecidas como putas, marafonas, messalinas, vadias, raparigas, mulheres de vida fácil, as prostitutas são apontadas na rua e discriminadas pela sociedade (Roberts, 1998). No Brasil a prostituição não é considerada crime, sendo punida apenas sua exploração e aqueles que induzem a ela. No sentido jurídico, a prostituição passou a designar o comércio do amor ou a entrega da mulher aos prazeres dos homens, por dinheiro ou mediante pagamento.

Considerada por muitos, uma forma de denegrir a mulher, por se tratar de um comércio onde a mesma se torna um instrumento de uso e lucro, a prostituição é o exemplo mais antigo e claro dessa nova segmentação de mercado, onde o poder do dinheiro ultrapassa valores morais. Esse tipo de negociação estipula preço, mas reduz o valor, no caso, o valor da sexualidade.

Pinheiro (2016) afirma que o mercado produz riqueza, a função empresarial, que identifica necessidades e desejos insatisfeitos, define e mede sua magnitude e seu potencial de rentabilidade. Ele (2012) ainda especifica que mercados-alvo serão mais bem atendidos pela empresa, decide sobre produtos, serviços e programas adequados para servir a esses mercados selecionados e convoca a todos internos da organização para pensar no cliente e atendê-lo de forma satisfatória.

Muitos são os motivos e razões que levam mulheres a usar seu corpo como forma de trabalho, essas mulheres consideradas da noite também atuam durante o dia, elas são mães, filhas, irmãs, donas de casa, são adultas e donas do próprio corpo. Não são obrigadas, recebem pelo trabalho, são mulheres como qualquer outra, a diferença é que se colocam como mercadoria com uma naturalidade tamanha.

A própria sociedade se choca ainda hoje com o ato de prostituir-se, pelo sexo pago, pelo que supõe ser falta de caráter dessas mulheres, mais ninguém se inquieta com a coerção que esse tipo de mercado proporciona na mulher como ser humano.

Segundo Roberts (1998) está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. As marcas que a sociedade produziu para caracterizar o ato sexual que resulta em pagamento, demonstram perfeitamente como as prostitutas são entendidas.

Gomes (1994. p.23) enfatiza que, deve-se deixar claro que a prostituição, apesar de em muitos lugares ser culturalmente tolerada, aceita ou legalizada, numa tentativa de melhorar as condições de vida das mulheres que se prostituem, esta atividade é, sim, um ato de violação dos direitos humanos.

Apesar de serem maiores de idade, de terem plena consciência do que estão praticando, de não estarem obrigadas e de serem donas do seu corpo, o ato de prostitui-se principalmente por esta aliado ao sexo fácil e sem amor, será visto sempre pela sociedade como algo errado.

De acordo com o Serviço à Mulher Marginalizada (SMM, 2000) considerar que a prostituição é uma opção de trabalho, é uma maneira de aceitar que o sexo e o corpo da mulher são uma mercadoria.

A prostituição é um caso claro onde o pagamento diminui o valor da “mercadoria”, essas mulheres são tratadas como algo a ser usado e depois descartado e mesmo recebendo pelo que vendem, não são mais importantes e nem valorizadas por isso. Vivem as margens da sociedade, sua prática de trabalho não é reconhecida, são vistas como disseminadoras de doenças e pessoas de caráter duvidoso, devido a isso são excluídas e apontadas pela sociedade.

3. A ASSOCIAÇÃO DE PROSTITUTAS E HOMOSSEXUAIS DE ARACATI - APHA

Fundada no dia 6 de julho de 2003 na cidade de Aracati/Ce, a APHA possui CNPJ e título de utilidade pública, concedido pela câmara de vereadores da cidade. A associação tem como finalidade resgatar, entre outras atividades, mulheres que se prostituem, que usam o corpo como forma de trabalho e que manifestam o desejo de abandonar a prostituição, público escolhido para o estudo.

A APHA recebe regularmente da prefeitura de Aracati uma ajuda de custos que são divididos entre o pagamento do aluguel da casa que é usada como sede, água, energia e a compra de material para a realização das oficinas que são ofertadas as mulheres aos sábados, na própria sede da associação. Conta também com a ajuda esporádica de pessoas que se prontificam a ajudar.

A APHA surgiu e se mantém atuante graças a força, a dedicação e o amor de três grandes mulheres. Ela surgiu devido a observação das condições desumanas aos quais as mulheres prostitutas eram submetidas, e também porque objetiva reduzir esse tipo de comercio onde o corpo das mulheres se torna produto e acaba muitas vezes levando-as para um caminho sem volta.

Destaco, a Presidenta da associação que está à frente da APHA, pois desde o seu surgimento vem realizando um trabalho maravilhoso, movida pelo amor e respeito ao próximo, uma vez que a ajuda recebida é insuficiente para que a APHA possa realizar um trabalho mais amplo, no que diz respeito a receber um número maior de mulheres que de suas atividades necessitam.

A associação oferece as mulheres associadas, capacitação profissional, lá são realizadas oficinas profissionalizantes aos sábados, entre elas, de manicure, de *biscuit*, de vagonite com fita ou com linha e curso de pintura. São confeccionados por elas jogos para cozinha e banheiros cujo dinheiro arrecadado com as vendas é investido em compras de materiais.

Além das oficinas, são realizadas palestras com a finalidade de advertir sobre os riscos das DST's. Reuniões de rodas de conversas que tem como objetivo, mostrar para as mulheres participantes, que elas podem e devem reconstruir suas vidas.

A APHA foi escolhida como ambiente de estudo para a referida pesquisa por se tratar de um local onde se lida diariamente com pessoas que são ou que já foram vistas como “mercadoria”, colocando à venda algo que deveria ser mensurado pelo valor.

Os recursos humano da APHA tem a função de trabalhar e lidar com as mulheres que lá chegam, trazendo vários conflitos pessoais. Algumas chegam com baixa estima, sem direitos e em muitos casos com falta de higiene. O trabalho desenvolvido para a assistência possui um olhar diferenciado, simplesmente a associação acredita que mudar é sempre possível e que são as próprias mulheres responsáveis pelas suas mudanças. A APHA na pessoa da Presidenta da associação tem ajudado a transformar “mercadorias” em simplesmente pessoas.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

O artigo tem como finalidade analisar de que forma o preço reduz o valor de determinados produtos quando comercializados. O estudo foca no caso das prostitutas afirmando que esse tipo de comercio tem sido devastador não só para o corpo delas, mas também para a alma, pois muitas delas com o passar dos anos na ativa, vem se acostumando com a condição de “mercadoria”. O artigo analisa também como a APHA tem ajudado essas mulheres a reconstruir suas vidas.

O tema foi cuidadosamente escolhido na observação do cenário atual, pois diante dessa nova segmentação de mercado, onde tudo pode ser vendido e comprado, é a prostituição o exemplo mais antigo desse tipo de comercio.

A seguinte pesquisa, trata-se de uma pesquisa de campo e foi realizada na Associação de Prostitutas e Homossexuais de Aracati (APHA), cuja finalidade dentre outras é resgatar prostitutas para que as mesmas abandonem a “profissão” e possam ser inseridas no mercado de trabalho através de oficinas profissionalizantes realizadas na sede da APHA.

A pesquisa foi iniciada com a aplicação de questionário fechado, onde foi possível traçar o perfil socioeconômico das mulheres pesquisadas e alcançar o objetivo proposto pelo estudo. Posteriormente foram realizadas as entrevistas abertas com as mulheres associadas da APHA. E com a própria presidenta da associação.

Foi escolhido este tipo de coleta de dados por acreditar ser melhor identificar certas reflexões que seriam difíceis de serem identificados por outro método. Também foi utilizado material em vídeo disponibilizado pela Fundação Vale do Jaguaribe (FVJ), sendo uma gravação feita com mulheres atendidas pela APHA no sentido da conscientização, mas que não abandonaram a prostituição. O material foi gravado no ambiente de trabalho delas. Foi realizado também com a Presidenta da APHA uma entrevista aberta.

Como forma de melhor entender o entrevistado, foi levado em consideração as suas condições de produção. Neste sentido, Orlandi (1999, p.16 enfatiza):

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.

Na busca de uma abordagem qualitativa, uma vez que se é discutido sentimentos, anseios e desejos, o método de análise utilizado neste artigo é a Análise do Discurso, com referência na perspectiva francesa que tem o intuito de articular sua enunciação sobre certo lugar social pesquisado, como no caso da APHA, onde diariamente as pessoas são orientadas para que haja uma mudança de pensamento e de atitudes.

A Análise do Discurso, segundo Orlandi (1999), não trata da língua e da gramática, embora esses estudos lhe interesse, mas, sim, do discurso, da prática da linguagem, a observação da pessoa falando, ou seja, o discurso como efeito de sentido entre locutores.

O método permite uma aproximação maior com o entrevistado, dando uma maior liberdade para que o mesmo possa expressar sentimentos e se sinta mais confortável para falar. No caso das mulheres da APHA, a conversa ocorreu de forma tranquila, mesmo algumas tendo demonstrado um certo desconforto em falar de um passado que elas querem apenas esquecer.

Foi utilizada também a pesquisa bibliográfica que tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com as temáticas que foram escritas, dita ou filmada sobre determinado assunto, conforme (Marconi e Lakatos, 2007, p.20) enfatiza.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 O perfil socio-econômico das entrevistadas

Visando entender como se sentem as mulheres que assumem como profissão, a prostituição e de que forma o ato de prostituir-se mesmo após abandonar a prática ainda as marcam, tornou-se necessário conhecer características socioeconômicas destas mulheres com o intuito de traçar um perfil e abranger o conhecimento sobre as mesmas.

Foram aplicados questionários com 10 mulheres, o que representa uma amostra considerável, visto que existem cerca de 20 mulheres atendidas pela APHA.

Como já foi mencionado anteriormente 100% das entrevistadas são do sexo feminino, o que demonstra a tendência de mercado em que a mulher é posta como mercadoria. Também vale ressaltar que 40% das entrevistadas se consideram negras, 40% pardas e apenas 20% brancas. Constatou-se também que 78% das associadas se encontram na faixa etária entre 21 e 37 anos de idade, enquanto apenas 22% estão acima dos 40 anos, o que indica que em sua maioria as associadas estão inseridas na população economicamente ativa.

Foi possível observar que 48% das entrevistadas fizeram o fundamental incompleto, 22% o fundamental completo, 20% não foram alfabetizadas e 10% leem e escrevem com dificuldade sem nunca ter ido à escola.

Outro ponto questionado está relacionado com a religião em que as entrevistadas são adeptas. Os resultados mostraram que 50% delas se consideram católicas, 40% são evangélicas, e 10% se dizem não adeptas a nenhuma religião. A análise dos questionários mostrou também que 49% das entrevistadas têm de 1 a 2 filhos.

5.2 Análise do discurso das respondentes

A coleta de dados foi baseada no método da análise do discurso da Presidenta da associação e das mulheres atendidas pela APHA. É de grande importância ressaltar que as ações da APHA não se restringem apenas as mulheres que hoje frequentam a sede da associação, estas que são aquelas que abandonaram a prostituição.

A APHA atua também na rua, nos bordeis com palestras informativas sobre o uso de preservativos e cuidados com as DSTs, na realização do exame de prevenção do colo do útero, realizado muitas vezes dentro dos bordeis em parceria com os órgãos responsáveis. Ela desenvolve suas atividades também dentro do presídio feminino e em áreas localizadas em Aracati/CE que são consideradas como zona de risco. Também realiza orientações em comunidades cuja pobreza e precarização da qualidade de vida é evidente.

As visitas são programadas com a intenção de resgatar as mulheres, de informar sobre as DST's, de distribuir preservativos ou simplesmente de distribuir um prato de sopa, a única refeição de muitas delas durante todo o dia.

5.2.1 DISCURSO DA PRESIDENTA DA APHA

A entrevista com a Presidenta da APHA aconteceu nas dependências do Hospital Municipal de Aracati, seu local de trabalho e não na sede da associação, diferente das entrevistas que foram realizadas com as mulheres atendidas, que se realizaram na sede da APHA.

De acordo com a pesquisa, inicialmente foi realizada uma entrevista aberta com a presidente da associação que se mostrou muito receptiva. Dentre a conversa na qual ela relatava todas as dificuldades que enfrentou e continua enfrentando, inclusive de ordem financeira para manter a APHA ativa, uma frase proferida por ela chamou atenção: “Quando conseguimos o título de utilidade pública cheguei em casa e não consegui dormir, só chorei, foi muito difícil”. A frase mostra o tamanho da dificuldade que ela enfrenta e o quanto é importante a associação na vida desta mulher, que tudo o que faz pela APHA, faz movida pelo amor e por acreditar que a mudança é possível.

Outra frase chamou bastante a atenção ao entrevistador: “Ele (um vereador) disse que prostituta é um ser que não devia existir, e que o dinheiro público, ele queria usar para outro fim”. A frase proferida por um representante do povo, um vereador vem carregada de magoas quando repetida pela Presidenta da APHA. A frase mostra que os preconceitos vividos pelas ex-prostitutas por aqueles que deveriam buscar soluções para ajudar por ser a prostituição um grande problema, é também um empecilho para aquelas que abandonam a profissão. A resposta

mostra também a tristeza da Presidenta da APHA, ao ser acusada injustamente de se beneficiar com o dinheiro que a associação estava recebendo para usar na melhoria de vida das mulheres associadas.

A frase foi proferida pelo vereador no dia em que a câmara de vereadores aprovou o projeto que concedia o título de utilidade pública a APHA e conseqüentemente a ajuda financeira mensal.

“Aos domingos quando todos estão em casa com suas famílias, eu estou na rua tentando resgatar vidas”. A frase também proferida pela Presidenta da APHA é plena de sentimentalismo e mostra o quão ela considera importante o trabalho que mesmo sem o devido reconhecimento é realizado por ela. Expressa também, o quanto essa mulher é incansável e fiel aquilo que ela vem se propondo a fazer.

5.2.2 O DISCURSO DAS MULHERES PARTICIPANTES DA APHA (EX-PROSTITUTAS)

No segundo momento foi aplicado um questionário fechado com o intuito de traçar o perfil dessas mulheres e em seguida uma entrevista aberta. Dentre as frases proferidas pelas mulheres, algumas chamaram a atenção, entre elas: “Eu não gostava não, de ficar com um e com outro”. Essa frase expressa claramente a aversão que essas mulheres possuem em relação a prática que realizam, se veem como algo a ser usado, só os motivos que são diversos é que podem de certa forma justificar o porquê elas se submetem.

“Eu não queria ter conhecido ele (cliente) não, ele me deu essa doença”. Essa frase foi dita por uma mulher de 27 anos que começou a se prostituir aos 14 anos de idade e que contraiu o HIV. A frase mostra arrependimento e nos remete a perspectiva dela de que teria sido diferente se não o tivesse conhecido e conseqüentemente adquirido a doença. “Me sentia pior que lixo, porque o lixo pelo menos se podia catar e aproveitar”. Ao proferir essa frase, fica clara a imagem que ela faz de si mesma, ela se sente sem estima, são tratadas como objeto e aceitam essa condição. A principal barreira a ser vencida está dentro de cada uma delas.

Outra frase que também chamou a atenção: “Ela (presidenta da APHA) é como a mãe que eu nunca tive, até tive, mas ela nunca gostou de mim”. A grande maioria das entrevistadas relatam a falta de amor e de estrutura familiar, mostrando que a família sempre será a base da formação humana. A entrevista expressa também todo o carinho, respeito e agradecimento que elas sentem pela Presidenta da APHA.

Dentre as mulheres também atendidas pela APHA, mas que não abandonaram a prostituição, algumas frases chamaram a atenção como a proferida por uma jovem de 25 anos

que confidenciou fazer até 8 programas por dia. Quando questionada sobre o uso do preservativo, ela afirmou que “a camisinha eu uso sempre, só que já rasgou e eu pulei da cama e me lavei”. Escutando a jovem, percebe-se claramente a inexperiência dela no que diz respeito às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). A jovem mostra um total falta de informação ao achar que o fato de se lavar evitaria o contágio de doenças, especialmente porque segundo ela, este fato aconteceu mais de uma vez. Ela também relatou que após o ocorrido, não foi realizado por ela nenhum exame que pudesse detectar alguma contaminação.

Outra entrevistada que trabalha a 5 anos se prostituindo relatou que: “Me envolvi com um vagabundo, faço isso para dar de comer ao meu filho”. A falta de estrutura familiar, a gravidez precoce e a necessidade de alimentar seu filho são para ela fatores determinantes na escolha pela prostituição. Questionada se trocaria de profissão ela afirmou: “Se eu arrumar um emprego que vala a pena”. Sua resposta mostra que o dinheiro é o grande motivador do ato de prostituir-se, ela acredita que ninguém irá contratá-la para realizar outra atividade e que este é o seu único caminho.

Uma outra entrevistada confidenciou está na prostituição a 8 anos, disse ter entrando neste caminho quando foi trabalhar no bar do irmão, e quando questionada em relação ao uso da camisinha disse: “Cobro um valor a mais, quando um (cliente) quer pagar mais para ir sem a camisinha é porque alguma coisa tem”. Essas mulheres vivem diariamente com o perigo, a frase dita por ela, mostra que esta convivência vem fazendo com que elas desconfiem de tudo e de todos, elas estão lá para trabalhar e como todo trabalhador tem direito ao uso de Aparelhos de Proteção Individual-EPI.

Uma outra entrevistada, uma das poucas que se mostraram satisfeitas em se prostituir relatou que: “Já recebi proposta de casamento, aceitei não, essa vida é mais divertida”. Fica clara a ação do tempo na vida dessa mulher, há 10 anos vendendo o corpo, sustentando a família, mesmo que as custas da prostituição, mudar seria quase que impossível. Durante a sua fala o que se pode constatar é o comodismo e a falta de força em se aventurar por outros caminhos.

Os depoimentos são relatos fortes de histórias de vidas que se perderam pelo caminho, são mulheres comuns, movidas muitas vezes pela necessidade, por falta de apoio familiar, por falta de amor e que acabaram sucumbindo na prostituição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado permitiu compreender um pouco desse tipo de comercio, uma vez que foram estudadas mulheres que assumem diariamente diversos papeis, mulheres que são

levadas, induzidas na maioria das vezes a esse caminho por falta de condição financeira e de estrutura familiar, “mercadoria” vendidas a céu aberto a um preço que apenas reduz o seu valor, comprovando que a pouca condição financeira é um agravante para determinar a venda..

Estamos nos tornando uma sociedade de mercado, tudo se vende, tudo se compra, o mercado vem ditando regras e adentrando na vida das pessoas sem pedir licença, muitas vezes até convidado e tratado como um convidado de honra. A mercadoria exposta neste caso, trata-se de prostitutas, mulheres da vida, o que não quer dizer vida fácil, mulheres que com o tempo e ao longo dele se acostumaram a serem tratadas assim, algumas não tem a noção do caminho que esta sendo trilhado e se acham na condição de donas do seu corpo.

É bem verdade que a grande maioria das mulheres entrevistadas se envergonham do que fazem, que se sentem diminuídas, sem direitos, a mercê da própria sorte, são incumbidas de um preconceito imposto a elas não só pela sociedade, mas por elas próprias e isso se torna um dos grandes impedimentos para que elas venham a reconstruir suas vidas.

Ouvindo as mulheres estudadas, fica claro que esse comercio é muito perigoso, não só por transformar pessoas mas porque acaba embutindo nas mulheres prostitutas um sentimento de que se remete a perda de valor, de desacreditar em si mesmo como um ser capaz de transformar e tomar o controle de sua vida. Nos leva a pensar até que ponto vai a descrença humana.

A prostituição é o exemplo desse tipo de comercio que esta mais próximo da realidade da grande maioria da população, e por ser o mais antigo exemplo de segmentação de mercado, foi escolhido para ser estudado nesta pesquisa. Este mercado quando analisado pela perspectiva das prostitutas, mostra que o dinheiro apesar da insatisfação em vender o corpo é o grande determinante, receber o pagamento é a única satisfação da maior parte dessas mulheres.

Foi possível constatar os malefícios que são causados pela ação do mercado na vida delas, no decorrer da pesquisa foram relatados outros casos onde também a ação do mercado tem adentrado de forma grotesca, a vida das pessoas. Estes casos, não foram profundamente explorados, mas fica a certeza de que muito ainda se tem para discutir quando o assunto esta relacionado ao comprar e vender bens que não deveriam ser regidos só pelo valor, fica também a ideia de futuras pesquisas em torno do assunto.

É muito assustador tratar este tipo de comercio de forma natural, uma minoria das mulheres entrevistadas se mostraram satisfeitas em estar na prostituição, encaram com muita naturalidade e não demonstraram interesse em abandonar a prática. Acreditam que o seu mundo gira em torno dos bordéis e casas de tolerância, fechadas entre quatro paredes, fazendo o que para elas é sua forma de sobrevivência, comercializando e sendo comercializada .

Finalizando, é importante ressaltar que a pesquisa não tem como objetivo dizer se é certo ou errado o ato de prostituir-se, nem se quer julgar pessoas pela forma que elas acreditam ser digna de ganhar a vida. Assim como também não atenta para a romantização da prática, na verdade, a intenção é trazer ao conhecimento de todos, os perigos que esta prática pode resultar para a vida humana e a sociedade, com a perda de valores, o respeito consigo e com o próximo e a valorização do dinheiro frente a vida.

REFERÊNCIAS

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias**. 7ª. Ed. São Paulo - SP: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

FERNANDES, Silvia da Cunha. **As Técnicas de Reprodução Humana Assistida e a Necessidade de Sua Regulamentação Jurídica**. Rio de Janeiro - RJ: Editora Renovar. 2005. p. 20.

GOMES R. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro – RJ: v.10, n.1, jan../mar. 1994.

MACHADO, Maria Helena. **Reprodução Humana Assistida: aspectos éticos e jurídicos**. Curitiba - PR: Editora Juruá, 2011.

MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª Edição, São Paulo - SP: Editora Atlas, 2007.

MARSHALL, A. **Princípios de Economia**, v. I, ed. cit., p. 46. 1996.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas - SP: Editora Pontes, 1999.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de Capitais**. 8ª Ed. São Paulo-SP: Editora Atlas, 2016.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **Infertilidade e Reprodução Assistida: desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo – SP: Casa do Psicólogo, 2004.

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

SANDEL, Michael J. **O Que o Dinheiro Não Compra**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Civilização Brasileira, 2013.

Sites Pesquisados:

http://www.adote.org.br/cadastro_doadores.php. Como se Tornar um Doador, acesso dia 09 de dezembro de 2013.

http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/dicas./146_morte_encefalica.html acesso dia 11 de novembro 2013 biblioteca virtual ministério da saúde.